

Para poder atalhar uma recessão

O ambiente de aguda incerteza que vinha impedindo as empresas de elaborar os seus orçamentos para 1999 está começando a desanuviar-se. Embora continuem elevadas as saídas de dólares do País, a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, fortalecendo a confiança na manutenção da política econômica e a determinação do governo de realizar efetivamente um ajuste fiscal em profundidade, aliada à perspectiva de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) nas próximas semanas, faz com que as empresas se sintam em condições de prever a regularização do mercado ainda antes do término de 1998.

Levantamento realizado por este jornal entre grandes empresas, com matrizes no exterior ou no País, mostra que, ao contrário do que se esperaria, os seus administradores não estão antecipando um 1999 recessivo, entendendo-se com isso um ano em que o produto real registraria queda. Com efeito, na estimativa das empresas ouvidas, o Produto Interno Bruto (PIB) deve ter um crescimento de zero a 2%.

Isso está longe das aspirações nacionais de desenvolvimento, mas, considerando que a economia não deve expandir-se mais do que 1% neste ano, a desaceleração não será tão acentuada, podendo, mesmo, haver um certo ganho. Se assim for, o Brasil terá, de fato, se colocado a salvo dos problemas que vitimaram os países do Sudeste Asiático, alguns dos quais tiveram de suportar quedas no PIB

superiores a até 15% neste ano e terão sorte se, em 1999, tiverem algum crescimento.

É evidente que, tendo o Brasil de gerar um milhão de empregos a cada ano, uma taxa de crescimento na faixa prevista pelas grandes empresas é insuficiente, parecendo-nos que será preciso flexibilizar ainda mais a legislação trabalhista, de modo a atenuar os efeitos da conjuntura.

A Nação espera que o ajuste fiscal se baseie em cortes de gastos, sem elevar impostos

Assinale-se, ainda, que as previsões das grandes empresas, com maior facilidade para adaptar-se à flutuação dos mercados, não são exatamente as mesmas das pequenas e médias, muito pres-

sionadas pelo astronômico custo do dinheiro.

De fato, será praticamente impossível evitar uma desaceleração sensível dos negócios se a taxa básica de juros se mantiver em 49,75% ou em nível próximo desse patamar. Como muitos empresários e economistas, estamos convencidos de que, para atalhar uma recessão, os juros básicos devem cair para a faixa de 20% a 25%, pelo menos, em curto espaço de tempo.

Nesse sentido, quando mais cedo forem definidas as metas do ajuste fiscal, melhor. Segundo se informa, o presidente Fernando Henrique Cardoso deve receber hoje, dia 20, data que ele próprio marcou, o programa de ajuste fiscal elaborado pe-

la equipe econômica. Em seguida, o presidente deve reunir-se com as lideranças partidárias para uma exposição sobre os pontos mais relevantes. O que a Nação espera é que, já no princípio da próxima semana, o ajuste seja esquematizado e comece a ser colocado em prática.

Seria de desejar que, logo em seguida, o País pudesse chegar a um acordo com o FMI. Há, sim, formalidades a cumprir, mas como não ignora a direção do Fundo, a conclusão do acordo é urgente, não só para aliviar a pressão sobre o Brasil, mas para eliminar um dos principais focos de tensão no mercado internacional.

A reportagem deste jornal apurou também que as grandes empresas não estão trabalhando com a possibilidade de uma forte desvalorização do real. Elas esperam que a moeda brasileira tenha uma desvalorização de 7% a 10%, ou seja, uma variação muito semelhante à que se tem verificado neste ano. Se aperfeiçoado, como deve, o programa de suporte às exportações, não vemos por que uma desvalorização maior seja imperiosa, permitindo ao País manter a estabilidade monetária a duras penas conquistada.

O ambiente dos negócios melhorará e a credibilidade do governo se fortalecerá se o programa de ajuste estipular severos cortes de despesas e não recorrer a aumento de impostos. Se assim for e se, repetimos, a taxa de juros baixar significativamente, o País poderá, com mais segurança, superar a prova de 1999. ■